

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: Bolsistas de Iniciação Científica e Iniciação Tecnológica da Unijui

DIREITOS HUMANOS E MULHER NA INTERNET: O REFLEXO DE UMA SOCIEDADE PATRIARCAL BASEADA NAS RELAÇÕES DE PODER¹
HUMAN RIGHTS AND WOMEN ON THE INTERNET: THE REFLECTION OF A PATRIARCAL SOCIETY BASED ON POWER RELATIONSHIPS

Rafaela Weber Mallmann², Vera Lucia Spacil Raddatz³

¹ Resultado final do Projeto Mídia e Sociedade: o direito à informação - Subprojeto Direitos Humanos na Internet: um olhar sobre a mulher, desenvolvido junto ao PPGD - Programa de Pós-Graduação em Direito - Mestrado em Direitos Humanos - Unijui

² Acadêmica de Direito. Bolsista PIBIC/CNPq do Projeto Mídia e Sociedade: o direito à informação - subprojeto Direitos Humanos na Internet: um olhar sobre a mulher, desenvolvido junto ao Programa de Pós Graduação em Direito da Unijui. E-mail: rafa.w.mallmann@hotmail.com

³ Orientadora. Doutora em Comunicação e Informação pela UFRGS; Professora do Curso de Mestrado em Direitos Humanos e dos Cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da UNIJUI; Coordenadora do Projeto Mídia e Sociedade: o direito à informação. E-mail: verar@unijui.edu.br.

INTRODUÇÃO

Considerando o contexto patriarcal, machista e misógino em que se desenvolvem historicamente as relações de poder entre os sexos, constata-se necessário uma reflexão a respeito de como a mulher é representada na sociedade. No decorrer da história, estas relações de poder eram também relações entre o público e o privado (COLLING, 2014, p.25). O patriarcado pode ser compreendido como o “próprio sistema do saber com suas regras, seu controle do conhecimento e da ideia de verdade. No patriarcado, saber e poder unem-se contra os seres heterodenominados como mulheres”. (TIBURI, 2018, p.71).

Fora do espaço privado, a mulher passa a priorizar sua emancipação e retomar uma posição de poder. Por poder, Foucault determina que este reprime, mas também produz efeitos de saber e verdade. (FOUCAULT, 1979, p. 182). Entende-se a partir do autor por poder uma ação sobre ações. O mesmo discorre que as relações de poder postas, seja pelas instituições, escolas, prisões, quartéis, foram marcadas pela disciplina: “mas a disciplina traz consigo uma maneira específica de punir, que é apenas um modelo reduzido do tribunal” (FOUCAULT, 2008, p.149). É pela disciplina que as relações de poder se tornam mais facilmente observáveis, visto que é por meio da disciplina que estabelecem as relações: opressor-oprimido, mandante-mandatário, persuasivo-persuadido, entre tantas quantas forem as relações que expressem comando e comandados.

Assim, quando a mulher busca retomar sua posição de poder, o feminismo se constitui como meio de transformação social capaz de possibilitar tal mudança, como aponta Tiburi (2018) ao afirmar que essa transformação modifica “tanto a microfísica quanto a macroestrutura da sociedade - que foi alicerçada no patriarcado machista e sexista, o qual tem sua base de conhecida violência contra as mulheres, não por acaso excluídas do sistema do poder-saber” (TIBURI, 2018, p. 72).

Com as redes sociais digitais, a liberdade de expressão ganhou mais evidência, tornando-se um

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: Bolsistas de Iniciação Científica e Iniciação Tecnológica da Unijuí

dos principais meios de manifestação do pensamento, refletindo as ideias que circulam na sociedade, onde se observam discursos e representações sobre temas de toda ordem, inclusive sobre o que se comunica e se comenta a respeito das mulheres e dos direitos humanos, foco dessa pesquisa.

Este texto busca apresentar o resultado do subprojeto Direitos Humanos na Internet: um olhar sobre a mulher, inserido no Projeto de Pesquisa Mídia e Sociedade: o direito à informação, sob a perspectiva dos direitos humanos, salientando os aspectos que contribuem para a emancipação da mulher, o percurso e os desafios desta caminhada, entre eles o feminismo. O objetivo do Projeto é compreender o papel dos meios de comunicação como mediadores do processo do direito à informação, da cidadania e direitos humanos, identificando que tipo de informações circula sobre a mulher nas mídias sociais e a maneira como ela está sendo representada na mídia. a partir de conteúdos que circulam na internet, por meio de sites, blogs e redes sociais e por fim analisar a relação entre essas representações da mulher e os direitos humanos.

METODOLOGIA

A pesquisa tem caráter qualitativo e se baseia na análise dos dados obtidos a partir de pesquisa em sites, blogs e redes sociais, por meio da inserção de palavras-chave de forma contínua, de um mesmo IP de computador. É importante esclarecer que o sistema de algoritmos que faz a seleção personalizada do material direciona automaticamente a coleta para o tipo de dados procurados, em razão de que esse sistema reúne as informações e as destina ao usuário, considerando o seu perfil de rotina de busca. Como a busca é sempre pelas mesmas palavras-chave, automaticamente, obtém-se um retorno de um significativo material relacionado ao tema de busca.

Os dados foram coletados no Twitter, Facebook e Google no período de dez meses, de agosto de 2017 a abril de 2018, de segunda-feira a sexta-feira. Partindo da busca pelas palavras-chave “direitos humanos” e “mulher”, observou-se o que mais repercutiu a respeito do tema durante o período, incluindo notícias, comentários, vídeos e imagens. Os dados, salvos em arquivo do word, eram armazenados por pastas e ao fim de cada mês obtinha-se o resultado das matérias que mais repercutiam em forma de comentário, replicações ou publicações. Desse modo, se tem um panorama geral com a tabela apresentada abaixo, do que foi encontrado para dar prosseguimento à análise da pesquisa, à luz da perspectiva dos direitos humanos e estudos de gênero.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: Bolsistas de Iniciação Científica e Iniciação Tecnológica da Unijuí

Tabela 1: resultados dos meses de agosto a fevereiro com respectivos comentários.

Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro
https://www.revistaforum.com.br/2017/08/29/assedio-no-onibus-homem-eiacula-no-pessoco-de-passageira-na-avenida-paulista/	https://g1.globo.com/sp/paulista/noticia/pastoral-carceral-denuncia-quarto-caso-de-suicidio-em-tres-meses-em-penitenciaria-feminina-de-sp.ghtml	https://www.terra.com.br/noticias/mundo/asia/kim-vo-longa-que-e-a-misteriosa-irma-do-ditador-norte-coreano.2cfe4c755637f5d6c00f63b76729747nwIk6vbt.html/	http://epoca.globo.com/cultura/noticia/2017/11/filiosofa-judith-butler-agredida-em-congonhas-antes-de-deixar-sao-paulo.html	http://www.midiamax.com.br/politica/ministra-direitos-humanos-pediu-r-300-mil-retroativos-temer-361735	https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/01/18/morte-de-mulheres-e-verdadeira-derrota-para-o-brasil-diz-human-rights-watch.htm	https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/metade-das-200-presas-gravidas-ou-com-filhos-de-ate-12-anos-em-mt-pode-aguardar-julgamento-em-casa.ghtml
<p>Usuário 1: Que nojo! tem que cortar de vez bem rente o bilau desse energumeto !</p> <p>Usuário 2: Se o projeto de Bolsonaro fosse aprovado, este tarado, que já deve ter histórico de estupro e abuso sexual, já seria castrado quimicamente. Bolsonaro para Presidente em 2018.</p>	<p>Usuário 1 : Os Direitos (Desu) Humanos deveriam denunciar ao MP o aumento de homicídios e crimes hediondos que ocorrem todos os dias no Brasil em proporção cada vez maior.</p>	<p>Usuário 1: Toda vez que a situação fica feia para a comunista, eles começam a promover mulheres, gays, negros ou deficientes na hierarquia do Partido Comunista. Depois que não interessa mais, tudo volta ao anormal.</p> <p>Usuário 2: Todo petista tem a mesma cara de bunda gorda desse leitão ridículo</p> <p>Usuário 3: Eu pegava a irmã dele. Bonitinha.</p>	<p>Usuário 1: Parabéns aos heróis que a hostilizaram! Desapareça parasita!</p> <p>Usuário 2: Faisão velho ridículo. Quería o que? Aplausos, pela destruição de famílias? Mereceu o tratamento recebido.</p> <p>Usuário 3: Essa "filósofa" é nada mais, nada menos, que uma mulher frustrada, mal resolvida sexualmente, sem identidade alguma, querendo confundir a cabeças de seres humanos indefesos e alienados.</p>	<p>Usuário 1: Não podem fazer isso, a ministra Luislinda dos direitos humanos vai correndo defender a vítima da sociedade (o bandido), a vítima real é quem tem culpa de estar na mira do revolver dele.</p> <p>Usuário 2: aquela ministra dos Direitos Humanos devia por um uniforme e ir lavar banheiros, isso que gente como ela merece, fica falando que R\$30.000 de salário faz ela se sentir uma escrava... põe ela num banheiro de boteco pra ganhar R\$400 por mês</p>	<p>Usuário 1: nossa constituição não reconhece o feminicídio, uma vez que essa lei é discriminatória, onde reza, com todas as letras que a vida de um homem vale menos do que de uma mulher ! portanto, é inconstitucional e sua elaboração teve fins claramente demagógico e eleitoral! me pergunto onde estão os juristas desse país para dar fim a essa verdadeira aberração jurídica!</p>	<p>Usuário 1: Desde que, enquanto no domicílio, realmente cuidem de seus filhos, conscientizem-se do ato cometido e não se deixem levar ao delito mais um vez ... Terão duas funções, uma não amena a outra, há de serem conjuntas.</p>

Fonte: criação própria.

Tabela 2 resultados meses de março e abril com respectivos comentários

Março	Abril
<p>https://g1.globo.com/rj-rio-de-janeiro/noticia/vereadora-do-psol-marielle-franco-e-morta-a-tiros-no-centro-do-rio.ghtml</p> <p>https://naoesunidas.org/assassinato-de-marielle-visa-intimidar-todos-os-que-lutam-pelos-direitos-humanos-no-brasil-dizem-relatores-da-onu/</p>	<p>https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/biel-e-acusado-de-agredir-esposa-duda-castro-e-diz-que-elajogou-um-copo-em-seu-rostro.ghtml</p>
<p>Michel Temer - "lamento esse ato de extrema covardia contra a vereadora Marielle Franco. Solidarizo-me com familiares e amigos, e acompanho a apuração dos fatos para a punição dos autores desse crime".</p> <p>Teresa Cristina - "Difícil pensar alguma coisa nesse momento de tanta dor. Que os familiares de Marielle Franco encontrem algum conforto diante de tamanha brutalidade".</p> <p>Mônica Iozzi - "ela lutava pela paz, por oportunidades iguais para todos. Denunciava a corrupção na câmara, na polícia...".</p>	<p>Usuário 1: Não tenho pena de vhaahabund4 que se envolve com funkeiro, as consequências sempre aparecem, achava que seria uma vida de novela? flores? perfeição? o Funk prega o contrário, ele prega a submissão das mulheres, trata vocês como boneca inflável e depósito de phornh4, é isso que vocês são pra esses marginais. A ciência deveria estudar os funkeiros, essas pragas demoram pra morrer, meu discurso é de ódio sim, esses 11x0s estão contaminando o Brasil.</p>

Fonte: criação própria.

Com o teor das notícias e dos comentários, constata-se que as páginas da internet e fonte desta pesquisa reproduzem discursos de ódio misóginos contra as mulheres. As denominações de "vagabunda" (notícia de abril), "bonitinha" (notícia de outubro), "mulher frustrada", "mal

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: Bolsistas de Iniciação Científica e Iniciação Tecnológica da Unijuí

resolvida sexualmente” (notícia de novembro), criam categorias pejorativas para se referirem a elas, menosprezando sua condição e sua posição social. As três mulheres mencionadas nestes comentários ocupam posições sociais reconhecidas, e de algum modo, posições de poder. Butler representa o espaço do conhecimento, Kim Yo-jong ocupa um alto cargo no governo da Coreia do Norte, enquanto Duda Castro faz parte do cenário da moda.

Assim, relacionando este exemplo extraído da pesquisa com a concepção teórica abordada, analisa-se que quando as mulheres saem do ambiente privado para adentrar ao público são frequentemente alvo deste tipo de comentário. Diante das regras de uma sociedade patriarcal, elas abandonaram a docilização de seus corpos e a submissão para ocuparem espaços reconhecidos, buscando sua emancipação. Isto pode ser olhado como uma ruptura de um padrão de comportamento que provoca reações de indignação, o que propicia que sejam atingidas por discursos de uma parcela da sociedade que não aceita ver a mulher na posição de fala.

Outros resultados da pesquisa mostram que nos meses de setembro, janeiro e março, são noticiados casos como o do suicídio em série na Penitenciária Feminina de Santana (SP); a publicação do Relatório ONG Human Rights Watch (BR) atribuindo a morte de mulheres no Brasil como uma verdadeira derrota para o país; e o caso do assassinato da vereadora Marielle Franco (RJ). Verifica-se que a violência contra as mulheres e a integridade de seus corpos, é o que mais repercute no ambiente das redes digitais. No caso dos suicídios na Penitenciária, é investigado se houve violação aos direitos humanos de forma recorrente a estas mulheres, buscando encontrar o motivo que as levou a tirarem a própria vida. A morte de Marielle e das demais mulheres remete às questões relacionadas no relatório da ONG Human Rights Watch, que vão ao encontro do que defendem os direitos humanos. Segundo Bobbio (1992, p.24) “o problema fundamental em relação aos direitos do homem, hoje, não é o tanto de justificá-los, mas o de protegê-los. Trata-se de um problema não filosófico, mas político”. Assim, do resultado desses meses, demonstra-se a dificuldade da proteção de tais direitos, constatando-se que o respeito à dignidade humana e à vida foram violados.

A pesquisa mostra que no mês de fevereiro, a decisão do STF de que metade das 200 presas grávidas ou com filhos de até 12 anos em Mato Grosso poderá aguardar julgamento em casa. É apontado pela matéria que no relatório consta que as gestantes são privadas do acesso a programas de saúde pré-natal, além de assistência durante a gestação e pós-parto. Quando se afirma a universalidade dos direitos humanos, os ambientes como as penitenciárias também devem ser provedores das mínimas garantias para a dignidade humana, assim como todos os demais setores do Estado e da sociedade.

Interessante observar, por fim, o caso da ministra Luislinda que pediu R\$ 300 mil retroativos a Temer oriundos de abatimentos de seu salário integral. Nos comentários é notável a falta de conhecimento a respeito do que são os direitos humanos. Quando afirma o usuário 1 que “a ministra Luislinda dos direitos humanos vai correndo defender a vítima da sociedade (o bandido)”, leva a discussão a um senso comum disseminado de que tal direito ‘defende bandido’.

Para tanto, Raddatz (2015, p. 47) aponta para o período da ditadura militar no Brasil, quando em relação aos defensores dos direitos humanos havia a acusação e “a divulgação – por meio de um número reduzido, mas densamente influente, de setores da mídia – da ideia de que as organizações de que faziam parte atuavam em favor de terroristas e subversivos”. Até os dias

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: Bolsistas de Iniciação Científica e Iniciação Tecnológica da Unijuí

atuais se dissemina tal pensamento, que fortalece o preconceito contra defensores e movimentos de direitos humanos. Nota-se que a sociedade necessita de uma educação para os direitos humanos de modo que compreenda seu real significado, livre de pré-conceitos historicamente relacionados ao tema.

De modo geral, o resultado da Pesquisa reflete o sistema patriarcal medido por questões de violência contra a mulher e violação aos direitos humanos. Quando se fala no feminismo como modo de emancipação das mulheres, aponta para o mesmo como o caminho para o reconhecimento da igualdade de gênero, buscando oportunizar também aos homens que reconheçam o que representa ser mulher nessa sociedade e ajudem da forma que puderem, principalmente não reproduzindo o machismo e a misoginia tão presentes nos comentários e os atos de violência presentes nas notícias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado da pesquisa aponta para um sistema de sociedade patriarcal em que nas relações de poder, a desigualdade entre homens e mulheres é evidente. A emancipação de muitas mulheres, como a ida do espaço privado para o espaço público, passa por situações das mais diversas, em que a mais clara delas é a resposta violenta que os homens reproduzem ao não aceitarem tal condição.

Observa-se também a falta de conhecimento da sociedade a respeito do que são direitos humanos. Assim, afirma-se a necessidade de investir em uma educação que apresente tais direitos de forma livre de pré-conceitos, demonstrando seu real significado e apresentando a importância que tem o reconhecimento de tais direitos para viver com um dos princípios basilares do Estado Democrático de Direito que é a dignidade humana.

É possível constatar que as redes sociais digitais são o reflexo do senso comum da sociedade. Com a identificação de que tipo de informação circula sobre a mulher nas mídias sociais, extrai-se que as situações de violência e violação aos direitos humanos das mulheres são as que mais repercutem. Assim, identificou-se como a mulher está sendo representada na mídia ao observar as notícias e comentários sobre situações principalmente envolvendo mulheres em posição de fala, que a partir de sua emancipação ocupam o espaço público e assim, ficam sujeitas aos mais diversos tipos de comentários, sendo os mais notáveis, os de cunho pejorativo, o que demonstram o caráter misógino e machista presente na sociedade e refletido na internet. Desse modo, a relação entre as representações da mulher e os direitos humanos se dá pela falta de respeito a tais direitos.

Por fim, salienta-se a importância e a necessidade do reconhecimento da igualdade de gênero no campo material e formal. É necessária uma reflexão a respeito do cenário atual e histórico da condição da mulher, buscando cada vez mais priorizar a educação para a igualdade de gênero, de modo que os homens sejam cúmplices na busca pela efetivação dos direitos humanos de todos e das mulheres e o respeito à sua condição e posição de fala.

Palavras-chave: feminismo; emancipação; machismo; dignidade humana; gênero.

Keywords: feminism; emancipation; chauvinism; human dignity; gender.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pelo fomento e incentivo à pesquisa, possibilitando o reconhecimento por discutir temas tão

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: Bolsistas de Iniciação Científica e Iniciação Tecnológica da Unijuí

pertinentes e necessários à atualidade como direitos humanos e a condição da mulher na sociedade.

REFERÊNCIAS

BOBBIO, Norberto. A era dos direitos. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

COLLING, Ana Maria. Tempos diferentes, discursos iguais: a construção histórica do corpo feminino. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. 35.

ed. Petrópolis: Vozes, 2008

RADDATZ, Vera Lucia Spacil. Educação e comunicação para os direitos humanos. Ijuí: Unijuí, 2015.

TIBURI, Marcia. Feminismo em comum: para todas, todes e todos. 5ª edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.